

**ESPÍRITAS PROGRESSISTAS? A FORMAÇÃO POLÍTICA ENTRE  
ESPÍRITAS CIENTÍFICOS NO SÉCULO XIX**

Litza de Oliveira Amorim

Doutoranda em Educação na Faculdade de Educação da Universidade de

São Paulo

[litza.amorim@gmail.com](mailto:litza.amorim@gmail.com)

**Resumo**

Esse artigo relata resultados parciais de uma pesquisa em andamento sobre a formação política no movimento espírita brasileiro entre 1869 e 1919. Com a difusão da doutrina, a heterogeneidade na recepção do espiritismo no Brasil torna-se visível na constatação de que, ainda no período imperial, os espíritas subdividiam-se entre kardecistas, religiosos, espíritas puros, roustanguistas, científicos, swedenborguistas, entre outros. Discutimos elementos observados na Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade, periódico do Rio de Janeiro que circulou entre 1881 e 1882, dirigido por chamados “espíritas científicos” (MARQUES in GOMES;CUNHA;PIMENTEL, 2019). Investigando se há relação, no período estudado, entre os diferentes seguimentos espíritas e formação política promovida por eles, analisamos, para fins de apresentação nesse texto, a Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade. Essa revista, dirigida pelo grupo dos espíritas científicos, apresentou um frequente discurso em favor do desenvolvimento das ciências e da dita ciência espírita, bem como da divulgação dos conhecimentos dessas áreas e da abertura ao debate. Destaca-se na revista uma resposta à acusação de que o espiritismo promoveria o suicídio. Se os suicidas são vistos como “loucos” ou “insensatos”, causas sociais como a miséria e os preconceitos são também apontadas. As noções de progresso são amplamente empregadas, dando margem para a discussão sobre os ideais de progresso e civilização que marcam o século XIX na Europa e no Brasil. Na análise da produção espírita em defesa da ciência e do progresso, bem como do balanço entre

aspectos sociais e individuais do mérito religioso, conforme expresso na questão do suicídio, consideramos que é possível ser entrevista uma formação política dos adeptos.

Palavras-chave: espiritismo, política, revista

## **1. Introdução**

Esse artigo é resultado de uma pesquisa em andamento sobre a formação política no movimento espírita brasileiro entre 1869 e 1919. Estão em análise revistas espíritas produzidas nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, esta última que foi, no período citado, sede dos governos imperial e republicano e centralizadora de boa parte das exportações brasileiras. Já no final do Império, a produção de café, impulsionada pela entrada de trabalhadores livres europeus, havia se deslocado para São Paulo e a importância nacional desse estado foi paulatinamente aumentando.

A década de 1830, embora tenha sido marcada pelo governo político da Regência e pela ameaça de desagregação, teve a manutenção da base econômica agroexportadora do país e a ascensão do café ao topo da pauta de exportações como elementos que fortaleceram o poder político imperial: o porto do Rio de Janeiro tornou-se o mais importante do país e a entrada de escravizados no país aumentou, a despeito da pressão inglesa contra o tráfico. Lembra Carvalho: “Quando D. Pedro II começou a governar, as receitas arrecadadas na alfândega da Corte representavam 60% de todas as receitas alfandegárias (...) Coincidiam no mesmo lugar o centro político e o centro econômico do país” (CARVALHO, 2020, p. 23).

Célia Arribas localiza a chegada do espiritismo no Brasil através das camadas médias da população, especificamente na colônia de imigrantes franceses no Rio de Janeiro, na época, capital do Império. O espiritismo daria seus primeiros passos no meio de professores, comerciantes e jornalistas, agrupados na redação do periódico *Courier Du Brésil*, “cuja redação tinha uma linha claramente anticlerical e contrária ao governo de Napoleão III” (ARRIBAS, 2010, p.54). O espiritismo, apesar de não penetrar na corte, rondou a elite da sociedade imperial, sendo advogado por pessoas influentes e que praticamente não sofriam oposições ou repressões (ARRIBAS, 2010).

A doutrina espírita, porém, se estabeleceu oficialmente no Brasil no estado da Bahia, com a fundação da primeira agremiação espírita brasileira, o Grupo Familiar do Espiritismo<sup>1</sup>. O fundador, Luís Olímpio Telles de Menezes, mantinha contato com os espíritas do Rio de Janeiro e espíritas franceses, e chegou a se corresponder com Allan Kardec. Com os esforços de Telles, a Bahia tornou-se a capital do espiritismo, superando a projeção do movimento no Rio de Janeiro. Telles de Menezes fundou o primeiro jornal espírita do Brasil, intitulado *Eco d'Além Túmulo*, em 1869, ano que serviu recorte para nossa primeira aproximação dos periódicos.

Já o limiar do século XX no Brasil foi marcado por ciclos de expansão econômica promovida pelo café, acompanhados pela imigração europeia e pela renovação cultural oriunda de várias fontes. Os meios de transporte e comunicação tornaram-se mais eficazes, como, por exemplo, foi o caso da expansão ferroviária ocupando o oeste paulista. Essa efervescência social, destaca Peres, favoreceu a “mobilização de setores sociais médios, em transição, que buscavam romper com a sociedade do passado e avançar para outra conformação social” (PERES, 2012, p.86, grifo do autor). Entre esses setores médios, destacamos a presença de espíritas de orientação anti-clerical, republicana ou anarquista, como Anália Franco, Antônio Bastos e João Penteadado, que estiveram envolvidos na publicação das revistas Nova Revelação, Natalício de Jesus e Revista da Associação Feminina.

A heterogeneidade do movimento espírita em sua formação no século XIX é destacada pela literatura: ainda no período imperial, os espíritas subdividiam-se entre “kardecistas, místicos, espíritas puros, roustanguistas, científicos, swedenborguistas, entre outros” (ARRIBAS, 2010, p.95). As diferenças destacadas por Arribas (2010) são predominantemente de ordem epistemológica e filosófica, ou seja, a respeito do significado do conhecimento provindo do próprio espiritismo.

Os kardecistas, opostos aos roustanguistas, eram contra a incorporação das obras do advogado Roustaing na doutrina espírita. Os científicos consideravam o espiritismo uma ciência, os filósofos ou espíritas puros, uma filosofia, e os religiosos,

---

<sup>1</sup> Outras narrativas historiográficas, como a dissertação de Colombo (2014), marcarão outros pontos de início do movimento espírita no Brasil. Neste artigo, entretanto, nos abstermos de discutir esse tópico, pelo enfoque nos periódicos espíritas. Cf. COLOMBO, Cleusa Beraldi. **Ideias Sociais Espíritas**. São Paulo: Editora Comenius, 2014.

entre eles compreendidos os místicos, swedenborguistas, roustanguistas, entre outros, compreendiam o espiritismo especificamente como religião.

Os espíritas também disputaram poder institucional durante a “corrida” para unificação do movimento, proposta aventada desde o século XIX, mas levada a cabo nas primeiras décadas do século XX (ARRIBAS, 2017). Podemos nos perguntar, também, como se diferenciavam as tendências e grupos espíritas em assuntos político: Alguns espíritas, como Telles de Menezes, compreendiam sua nova fé como uma continuidade do catolicismo, outros espíritas relacionavam-se com grupos anticlericais, como foi o caso do espírita anarquista João Penteadado, ex- diretor da Escola Moderna n.1, principal iniciativa de educação escolar anarquista em São Paulo. No contexto do recente estabelecimento de um Estado Laico brasileiro, a posição a favor ou contrária à Igreja Católica torna-se ainda mais politizada.

Os termos progressista e conservador são muito utilizados no vocabulário contemporâneo, e, como marcas da modernidade, já circulavam em nomes de partidos, títulos de revistas e outros, no fim do Brasil Império, quando o espiritismo chega ao país. O periódico espírita *O Reformador*, por exemplo, declarava-se progressista. Dado esse contexto, questionamos: Quais eram os temas políticos que mobilizavam a sociedade à época? Que sentidos investiam os termos conservador e progressista ao serem apropriados pelos religiosos? Que papel o espiritismo teria exercido na formação política dos adeptos, e que outros meios teriam formado politicamente esses espíritas de diferentes posições políticas?

Arribas (2010) destaca que o espiritismo se desenvolve na França entrelaçado a modernas tendências políticas e filosóficas, com destaque para o socialismo, a reencarnação e a igualdade de direitos entre homens e mulheres. No Brasil, o debate político-ideológico, de modo geral, restringia-se, à época, a questões político-institucionais e jurídicas, como o abolicionismo e o republicanismo. Convém notar, entretanto, que o socialismo já circulava nas últimas décadas do século XIX nas esferas do movimento operário.

Seguindo a trilha aberta pelo trabalho de Arribas (2010), com sua ênfase nas personagens que constituíram as disputas internas ao movimento espírita, consideramos as revistas e jornais produzidos pelos espíritas brasileiros fontes de valor proeminente

para analisar os papéis exercidos pelos atores envolvidos na formação do espiritismo e na formação política promovida pelo movimento espírita no Brasil entre o final do século XIX e início do XX.

## **2. Seleção das fontes**

A partir de uma consulta ampla dos periódicos espíritas ou produzidos por espíritas publicados no Brasil entre 1869 e 1919, selecionados as revistas publicadas nesse período nos municípios de Rio de Janeiro e São Paulo, tanto pela expressividade política e econômica dessas cidades no período quanto pela presença de personagens espíritas reconhecidos pela historiografia da educação e das religiões nessas localidades. Esse recorte corresponde a um total de onze títulos, dentre os quais dois correspondem a publicações não declaradamente espíritas, mas dirigidas pela educadora espírita Anália Franco. Essa seleção considera que espíritas progressistas do período possam ter se manifestado publicamente para além das publicações confessionais, como ocorreu no caso de Saldanha Marinho, que “sob o pseudônimo Gaganelli, escreveu artigos no Jornal do Comércio em que citava o jornal espírita Reformador” (DEL PRIORE, 2014, p.162).

Partindo do mapeamento de sujeitos espíritas com atuação política destacada como progressista pelos pesquisadores, como é o caso de João Penteado (PERES, 2012), Anália Franco (LÔDI-CORREA, 2009) e Eurípedes Barsanulfo (BIGHETO, 2007), procuramos investigar as heterogeneidades do movimento espírita do ponto de vista da formação política. Seriam os espíritas atuantes em São Paulo politicamente mais expressivos que os do Rio de Janeiro? Estariam os espíritas do Rio de Janeiro mais alinhados ao poder clerical? Essas questões são alguns exemplos das indagações que nos propomos a responder.

No presente artigo, tendo em vista que nossa análise dos periódicos espíritas ainda está em andamento, discutiremos elementos observados na Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade, que circulou entre 1881 e 1882, dirigida por espíritas do ramo dos científicos, conforme aponta Marques (in GOMES;CUNHA;PIMENTEL, 2019). Investigar uma revista do ramo dos espíritas

científicos pode justamente nos fornecer mais indícios para uma resposta à pergunta: Os diferentes grupos espíritas do período analisado promoveram diferentes formações políticas?

### **3. A formação política no agrupamento espírita-científico: Analisando a Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade**

O movimento espírita de tendência científica obteve relativo sucesso no Rio de Janeiro entre a década de 1870 e a primeira metade de 1890. Esse sucesso, entretanto, foi acompanhado de desgastes e antagonismos entre os “científicos e os religiosos”. Diferentemente, em São Paulo, aponta Marques (in GOMES; CUNHA; PIMENTEL, 2019), a liderança de Batuira, médium e editor da revista *Verdade e Luz*, sobre o movimento espírita sempre teve aspecto religioso, produzindo maior homogeneidade e organização.

Marques destaca evidências contundentes sobre o antagonismo entre os grupos religioso e científico, por exemplo, quando a revista *O Reformador*, mantida pela Federação Espírita Brasileira, refere-se explicitamente àqueles que ensinam que o espiritismo é ciência, “e somente ciência” como “inimigos ocultos” e “falsos profetas”.

O autor perspicazmente destaca que “ao contrário do que uma historiografia afeita à faceta religiosa tentou convencer” (MARQUES in GOMES;CUNHA;PIMENTEL, 2019, p.99), ao longo da década de 1890 os grupos espíritas nomeados como “científicos” continuaram atuantes, entre eles, destacadas a Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade e o Centro da União Espírita do Brasil. A atividade do grupo dos científicos é expressa também na documentação preparatória de um congresso que se realizaria em 28 de Agosto de 1897, para o qual foram apresentados trabalhos representantes de 64 sociedades espíritas distribuídas entre Rio de Janeiro, Niterói, Nova Friburgo, Cantagallo e Bom Jardim.

Marques (in GOMES; CUNHA;PIMENTEL, 2019) procurou historicizar a heterogeneidade presente no movimento espírita com base nas evidências documentais, evitando o equívoco da narrativa histórica calcada unicamente nas auto declarações das personagens históricas em questão. Por exemplo, o uso do termo ciência e a nomeação do grupo dos científicos estava relacionada, no contexto pesquisado, com as práticas

homeopáticas realizadas por numerosos agrupamentos espíritas. A homeopatia começou a instalar-se no Brasil na década de 1840, e foram alguns dos seguidores da doutrina de Hahnemann que impulsionaram o espiritismo no Rio de Janeiro.

Nesse contexto, foram chamados de científicos os grupos espíritas do período que buscavam fazer experimentos, aproximações ou interlocuções com o pensamento científico da época, criticando outros credos religiosos, especialmente o católico. Por outro lado, os religiosos seriam aqueles mais focados em usar algumas ideias da doutrina espírita no desenvolvimento da religiosidade nas famílias e pequenos grupos.

As diferenças entre os dois grupos de espíritas no Rio de Janeiro evidenciaram-se também quando a significativa instituição Federação Espírita Brasileira deixa de ser dirigida por científicos. Em 1895, Adolfo Bezerra de Menezes torna-se presidente da entidade, e a Revista *O Reformador* teve seu subtítulo modificado de “Órgão Evolucionista” para “Mensário Religioso do Espiritismo Cristão”. As mudanças de tratamento dado pela revista ao tema das doenças são outro exemplo:

Enquanto nos primeiros cinco anos da última década [1890-1895] há uma maior preocupação em relacionar as causas ao diagnóstico e ao tratamento com algum meio ou investigação material, postura que aproxima o espiritismo e ciência, na segunda metade [1895-1900], o que se percebe é uma concepção mais metafísica e espiritual dos males e doenças (MARQUES in GOMES; CUNHA; PIMENTEL, 2019, p.117)

Marques (in GOMES; CUNHA; PIMENTEL, 2019) aponta que os agrupamentos de espíritas científicos eram constituídos sobretudo por sujeitos com formação universitária, médicos, advogados e pessoas de posição e poder social, como políticos e jornalistas. O autor afirma que “foi a divisão entre científicos e religiosos que causou sérias fraturas ao movimento, contribuindo, e muito, para os desgastes, separações e percalços do movimento no Rio de Janeiro, o que não aconteceu, por exemplo, em São Paulo” (MARQUES in GOMES; CUNHA; PIMENTEL, 2019, p.100).

O pesquisador narra que a Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Christo e Caridade, fundada em 1876, era composta por dissidentes da antiga Sociedade de Estudos Espíritas – Grupo Confúcio, fundada em 1873, cujos membros viam o espiritismo pelo prisma religioso. Esse grupo sofreu a infiltração de seguidores que consideravam a doutrina ciência e, conseguindo a adesão de outros adeptos, elegeram, em 1879, uma nova diretoria que deu à entidade caráter científico. Os espíritas

religiosos ou místicos debandaram desse grupo, formando uma nova sociedade. A partir de 1881, Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Christo e Caridade, que mantinha a chamada Academia Espírita de Ciências, passou a publicar uma revista cujo objetivo era divulgar as produções da referida Academia.

A Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Christo e Caridade tinha como o objetivo, conforme apontam os estatutos, “Art. 2º(...) criar e sustentar a Academia Espírita de Ciências na Capital, e gabinetes e círculos filiais onde for conveniente, para observação e estudo de todas as Ciências, especialmente as que tiverem relação direta com a Ciência Espírita” (REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE, 1881, p.16).

Nossas análises da Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade são preliminares, e visam também observar se essa revista apresenta os elementos destacados por Marques como característicos dos espíritas científicos. A análise das publicações da revista apresentou-nos alguns elementos que consideramos relevantes para a compreensão da formação política do movimento espírita brasileiro. A primeira delas é o tratamento dado aos temas ciência e progresso. No n. 1 da revista, a difusão dos conhecimentos é abordada como atitude também científica:

A Sociedade tem a ardua missão de crear a Academia que, como todas as outras, deve concorrer para o progresso da humanidade, pela investigação da verdade, á luz da Sciencia Spírita. Essa Academia observando, comparando e theorizando todos os ramos de conhecimentos humanos, **teria um proceder anti-científico, si deixasse occulto o resultado de seus estudos** (REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE, 1881, p.1, grifos nossos).

A revista enfatiza sua valorização do escrutínio público: “Expôr francamente as suas idéas, é dever de todo aquelle que está de boa fé porque, tornando publico e notório o seu pensamento, sujeita-o á critica, á discussão, de onde nasce a luz. E si assim é, porque não cumpriremos esse dever?” (REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE, 1881, p.1).

O tema das diversas crenças é forte no periódico. No mesmo número da edição que citamos, afirma-se

Por isso, como prova de respeito às suas crenças, acreditando na sinceridade e boa fé daquelles que manifestam suas idéas, embora não compatilhadas por nós, creamos uma secção livre na *Revista*, onde **serão publicados gratuitamente os artigos de interesse geral e até mesmo os contrários ao Spiritismo**. Pode-se, professando idéas diferentes, respeitar e amar o

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional Rio de Janeiro/RJ, 2021

antagonista, porque ante a idéa desaparece o individuo. O homem de bem faz justiça aos proprios inimigos (REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE, 1881, p.2, grifos nossos).

Afirma-se que foi lançada uma pequena biblioteca destinada a receber obras de diversos assuntos, aberta ao público, para que todos que queiram investiguem e cheguem à verdade “sem idéas preconcebidas”.

A Academia Spírita de Sciencias, no número 1 da revista, teve seu lançamento anunciado na publicação. Essa academia preparava-se “para vir, no meio do combate que está travado entre os **levitas da religião e da sciencia**, para trazer-lhes a paz e a verdade em nome dellas” (REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE, 1881, p.2, grifos nossos). Nessa passagem, está vocalizado um posicionamento contra certos grupos e instituições, que receberam a alcunha de “levitas”. A compreensão de tal posicionamento se revela uma questão para nossa pesquisa.

O Espiritismo é fortemente associado às demais ciências. É visto como vantajosa a criação de academias destinadas ao estudo “de todas as sciencias à luz do Spiritismo, para os que estão convencidos da verdade da sciencia spírita; ou do estudo do Spiritismo à luz das outras sciencias, para aquelles que ainda não estão convencidos da verdade desta sciencia”(REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE, 1881, p.3).

Trechos da obra *A gênese*, publicada por Allan Kardec em 1868, são traduzidos e apresentados na revista. É provável que essa seja uma das primeiras apresentações desse texto traduzido, no Brasil. Esses excertos afirmam que o Espiritismo poderia ajudar no progresso da humanidade ao promover a aliança entre a ciência e a religião. A ciência deixaria de ser exclusivamente materialista, e a religião de “desconhecer as leis organicas e immutaveis da materia” (REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE, 1881, p.3).

Afirma-se que o conhecimento da vida futura, isto é, o pós-morte, permite que o observador veja “grandes e pequenos confundidos, como as formigas sobre um monte de terra; proletarios e potentatos ficam do mesmo porte, da mesma estatura; e então lastima esses ephemeros que tanto se afadigam para conquistar uma posição que os

eleva tão pouco e pouco deve durar” (REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE, 1881, p.6).

A solidariedade é exaltada como um valor mais plausível diante da continuidade da vida após a morte, sendo o espiritismo a ciência que

mostra que esta vida é apenas um elo da cadeia, que faz parte do todo harmonico e grandioso, que é obra do Creador; patentêa a solidariedade de todas as existencias de um mesmo ser, **a de todos os seres de um mesmo mundo e a dos seres de todos os mundos**; assim, ao passo que a doutrina da criação da alma, na hora do nascimento de cada corpo, torna todos os seres estranhos uns aos outros, o Spiritismo da uma base e uma razão de ser á fraternidade universal (REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE, 1881, p.6)

Um trecho da obra *A Gênese* de Allan Kardec apresenta-se com o subtítulo original “papel da ciência na gênese”. O trecho inicia-se afirmando que as religiões foram a primeira explicação sobre a realidade e as primeiras leis civis de “quase todos os antigos povos” (REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE, 1881, p.7). Uma linha de progresso e correção se traça na narrativa até a chegada à ciência, que forneceu as “chaves de compreensão”. São citadas a astronomia, o cálculo, a física e a química, a botânica e a antropologia, entre outras ciências. Um adjetivo dado à ciência na narrativa é “experimental”.

Segundo a revista, diante dos avanços científicos:

A fé orthodoxa ficou abalada, julgando vêr sua pedra fundamental arrebatada; mas quem devia ter a razão: a sciencia marchando prudente e progressivamente sobre o terreno solido dos numeros e da observação, sem nada afirmar antes de ter prova em mão, ou uma relação escripta em uma época em que os meios de observação faltavam absolutamente? (REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE, 1881, pp.10-11).

E completa-se:

Si a religião está, em algumas de suas partes, em contradição com a sciencia, não é culpa da sciencia, que não pode negar o que existe, mas dos homens, por ter prematuramente fundado dogmas absolutos, fazendo delles questão de vida e morte sobre hypotheses susceptiveis de ser desmentidas pela experiencia (REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE, 1881, p.10)

O espiritismo como uma doutrina progressista ou progressiva parece contrapor-se às aludidas “religiões estacionárias”, que temem as descobertas da ciência. Essas

religiões, na visão de Allan Kardec publicada pela Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, “fazem uma idéia tão mesquinha da Divindade, que não compreendem que conformar-se com as leis da natureza reveladas pela sciencia, é glorificar Deus em suas obras” (REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE, 1881, p.10).

Destaca-se também, na primeira edição de 1881, uma defesa feita pelo periódico contra a acusação de que o espiritismo seria promotor da prática de suicídio. São apresentados traduzidos no periódico trechos de *O Livro dos Espíritos*, também de Allan Kardec e publicado originalmente em 1857, nos quais os suicidas são considerados “loucos” ou “insensatos”. Se foram insensatos, foram na medida em que não “trabalharam” mais para superar os desgostos da vida. Suportar as tribulações, misérias e decepções da existência é visto como meritório. Entretanto, aquele que se “deixa morrer de desespero”, lutando com as necessidades, recebe uma resposta atenuada sobre seu destino: “É um suicida mas aquelles que foram a causa, ou que teriam podido obstar, são mais culpados do que elle, e a indulgencia o espera” (REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE, 1881, p.13). Ainda se aponta, no jornal, uma causa social aos suicídios “aboli os abusos de vossa sociedade e vossos prejuizos, que não tereis mais suicidios” (REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE, 1881, p.13).

#### **4. Discutindo a formação política no movimento espírita**

Noções de progresso, evolução e civilização foram provavelmente personagens principais do vocabulário comum dos intelectuais e cientistas da segunda metade do século XIX e início do século XX, no contexto da expansão europeia e da colonização das Américas. Eles estavam presentes, por exemplo, nos documentos coletados por Figuerôa (2008) para investigar algumas relações que se estabeleceram entre expedições científicas e a construção de redes de comunicação e transporte no estado de São Paulo, mais precisamente, no oeste paulista.

Analisando o conceito de progresso nas obras de Allan Kardec - fundador do espiritismo francês, aquele que mais fortemente se disseminou no Brasil -, notamos que

um de seus mais famosos livros, “O Livro dos Espíritos” traz conceitos como a “Lei do progresso” e também “evolução” como um sinônimo de progresso. Allan Kardec utiliza também os termos “raças” e “aperfeiçoamento das raças”, embora, em alguns excertos de sua obra refira-se exclusivamente “ao aperfeiçoamento da raça humana”. No que se refere à ideia de progresso, o autor usa os termos “progresso intelectual” e “progresso moral”. Apesar de distinguir homens “civilizados” de “selvagens”, nomenclatura aplicada a povos indígenas e africanos, Kardec refere-se à “civilização” como um “progresso incompleto”, que se depurará “quando o moral estiver tão desenvolvido quanto a inteligência” (KARDEC, 1974, p. 309).

Na Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade, o progresso aparece como oriundos das ciências, mas também perpassando as religiões: as religiões devem progredir. Maiores investigações são necessárias para verificar se a revista faz referência aos distintos tipos de progresso mencionados por Kardec. De todo modo, a solidariedade entre os seres e as causas sociais de fenômenos graves, como o suicídio, são assinaladas, em contraposição a uma lógica de progresso individual de cada espírito. Podemos, por outro lado, observar na obra *O Livro dos Espíritos*, de Kardec, algum questionamento da civilização, gravada em letra minúscula e compreendida como “progresso incompleto”, calcada nas ideias de progresso intelectual e moral. Allan Kardec, discípulo do educador Johann Heinrich Pestalozzi (1746 -1827) e, através desse, também influenciado por Jean Jacques Rousseau (1712-1778), foi, antes de se tornar o fundador do espiritismo francês, um pedagogo liberal e com muitas afinidades com socialistas utópicos e anarquistas franceses. Nesse sentido, sua crítica ao materialismo e às injustiças sociais provavelmente insere-se na tradição rousseísta, talvez o mais célebre filósofo que inicia a crítica à modernidade e à vida burguesa.

Lowy e Sayre (2017) destacam que a crítica à capitalização da vida em sociedade típica do movimento romântico contra a modernidade capitalista já estava presente em Rousseau. Independentemente da possível influência de Rousseau e de Pestalozzi sobre Kardec, é fato que a noção de progresso expressa nas obras do educador francês acompanha uma crítica moral à “civilização” que Allan Kardec conhecia. Quando os textos de Allan Kardec são publicados pela Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade, entretanto, a palavra progresso já estava

circulando nas terras brasileiras, cuja vida cultural era marcada pelo ideário de progresso do positivismo.

A interpretação paradigmática da historiografia brasileira sobre o processo que culminará na proclamação da República em 1889 explica que uma crise de três aspectos, ou três crises concomitantes, teria resultado no fim do Império do Brasil. A primeira crise seria de caráter religioso: dos bispos católicos contra a maçonaria, que ganhava espaço no Império; A segunda seria a indisposição dos fazendeiros cafeicultores com a abolição da escravidão concretizada em 1888; A terceira crise seria a crise dos militares com predominante ideologia positivista contra o Império brasileiro<sup>2</sup>.

A produção historiográfica desenvolvida no país a partir dos anos 1980, entretanto, vem explorando contradições, apontando lacunas e trazendo novas contribuições à interpretação clássica sobre a proclamação na República. Entre as principais críticas, destaca-se a afirmação de que a Igreja católica presente no Brasil, durante o processo que culminará na proclamação da república, era heterogênea, o que significa que muitos padres possuíam afinidades com a maçonaria e até o espiritismo. Além disso, as pressões da oficialidade militar de baixa patente são inseridas como um fator importante a ser considerado quando se pensa em “crise militar”. Tanto a questão do cenário religioso brasileiro quanto a questão da presença do positivismo no país podem ser exploradas como circunstâncias relevantes para melhor compreensão das fontes sobre a história política do espiritismo no Brasil, em geral, e sobre os achados preliminares de nossa pesquisa, em particular, tais como a presença da retórica sobre o progresso e sobre a ciência.

---

<sup>2</sup> Apresentação realizada pelo professor Wanderson Fabio de Melo, (UFF/PURO), no minicurso intitulado A Construção da República: História, Historiografia e recursos didáticos, oferecido no 21º Simpósio da ANPUH, em 19 de julho de 2021.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional

## Rio de Janeiro/RJ, 2021

### Anexos

#### ANEXO A – Tabulação de periódicos espíritas nas cidades de Rio de Janeiro e

1	Fraternização [Periódico] : órgão do Congresso Espírita Caridade e Instrução	Periodicidade Mensal Periódicos brasileiros - Rio de Janeiro (RJ)	1902
2	Humildade : Órgão Mensal de Propaganda do Espiritismo (RJ) - 1907		
3	Revista Espírita: publicação mensal de estudos psicológicos, feita	Rio de Janeiro, RJ: Tip. de Domingos Luiz dos Santos, 1875 Redator: A. da Silva Neto.	1875-

em São Paulo (1869 -1919)

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional**  
**Rio de Janeiro/RJ, 2021**

	sob os auspícios de alguns espíritas		
4	Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Christo e Caridade	Rio de Janeiro: Typ. da Sociedade, 1881-1882/ Redator: Angeli Torterolli	
5	União e Crença: jornal espírita	Arêas, SP: Typ. do Tymbira, 1881-?/ Editores: Joaquim S. M. Leite e Afonso Távora. Propriedade do grupo espírita Fraternidade Areense	
6	O Renovador: órgão espírita	Rio de Janeiro, RJ: Typ. Cosmopolita, 1882	Ano 1882\Edição 00001 (28 de Agosto de 1882)
7	Espiritismo : orgao dedicado ao estudo da verdade [Periódico]	Periódicos brasileiros - Rio de Janeiro (RJ)	1881
8- Periódico não espírita	Álbum das meninas	1898/ Dirigido por Anália Franco	1898. Ano I, n. 1-9. 1899. Ano II, n. 10-17. 1900. Ano III, n.18-19. 1900. Ano III, n.20. 1901. Ano III, n.24, 27, 28, 29 e 30.
9	Nova Revelação	Publicada desde 1903. Tornou-se alguns anos depois o órgão oficial da União Espírita do Estado de São Paulo,. Dirigida por Francisco Antônio Bastos e com gerência de João Penteadado	
10-	Natalício de Jesus	Primeira edição de 1º de maio de 1908. Redação localizada na Rua São Paulo, 47. Dirigida por Francisco Antônio Bastos. Teve João Penteadado como redator a partir de março de 1911	Maio a Julho de 1910; Março/Abril 1911; Setembro/Outubro, 1911; Dezembro, 1911.
11 - Periódico não espírita	Revista da Associação Feminina	Lançado em 1903, é substituído no mesmo ano por A voz maternal	

**Referências bibliográficas**

- ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. São Paulo: Alameda, 2010.
- BIGHETO, Alessandro Cesar. **Eurípedes Barsanulfo: um educador de vanguarda na Primeira República.** Bragança Paulista: Editora Comenius, 2007.
- CARVALHO, José Murilo de. **A construção Nacional (1830-1889).** Rio de Janeiro: Objetiva, v. 2, 2012.
- DEL PRIORE, Mary. **Do outro lado: A história do sobrenatural e do espiritismo.** São Paulo: Planeta, 2014.
- MARQUES, Marcos Moreira. O Espiritismo, entre ciência e religião, no Rio de Janeiro. In: GOMES, Adriana; CUNHA, André Victor; PIMENTEL, Marcelo Gulão. (Orgs.). **Espiritismo em Perspectivas.** Salvador: Sagga, 2019.
- LODI-CORREA, Samantha. **Anália Franco e sua ação sócio-educacional na transição do Império para a República (1868-1919).** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. 2009.
- LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade.** Boitempo Editorial, 2017.
- PERES, Fernando Antonio. **João Penteadó: O discreto transgressor de limites.** São Paulo: Alameda, 2012.
- REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE.** Rio de Janeiro: Typ. da Sociedade, 1881-1882. Disponível em: < <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-sociedade-academica-deus-christo-caridade/343072/>>.

